

❁ AS FILHAS PERDIDAS 2 ❁

SORAYA LANE

A
FILHA
CUBANA

SETE FILHAS. SETE SEGREDOS.
SETE AMORES.



*Para Richard King.
Obrigada por acreditar nesta série
e por apresentá-la ao mundo.*

PRÓLOGO

RESIDÊNCIA PARTICULAR DE JULIO DIAZ, O BARÃO DO AÇÚCAR, HAVANA, CUBA, FINAL DOS ANOS 1950

Esmeralda entrelaçou o braço ao de sua irmã María quando entraram na sala de estar para se juntar ao pai. A criada fora correndo até o andar de cima para avisar que tinham visita, e que precisavam descer imediatamente – mas esse não era um pedido incomum. O pai gostava de exibir as filhas. Elas eram motivo de orgulho e alegria para ele. Quando a mãe delas ainda era viva, os pais recebiam os convidados sem que as filhas precisassem fazer mais do que uma rápida aparição, mas agora o pai preferia tê-las ao seu lado. Ele adorava vê-las sorrir e entreter seus sócios e amigos. Seus olhos sempre brilhavam quando elas adentravam no recinto. Nada lhe agradava mais do que estar na companhia delas.

Mas naquele dia foi diferente. Pela primeira vez, Esmeralda perdeu sua compostura perfeitamente treinada. Seus pés travaram por vontade própria, e de nada adiantou María ter seguido em frente, tentando arrastar a irmã, ou Gisele ter esbarrado em Esmeralda a caminho da sala, ansiosa para descobrir quem era o inesperado visitante.

Pois ali, sentado no opulento canapé de entalhes dourados, levantando-se ligeiramente quando Esmeralda e as irmãs entraram na sala, estava Christopher.

Meu Christopher está aqui. Seu coração disparou e a boca ficou seca. Não pode ser. Como Christopher veio parar em Cuba?

– Esmeralda, será que você se lembra do Sr. Christopher Dutton, de Londres? – Seu pai deu um grande sorriso e acenou com um charuto na

mão, para que a filha se aproximasse. – E estas são minhas filhas María e Gisele.

Esmeralda forçou-se a avançar para que o pai não notasse como estava afetada pela presença de Christopher. Ela ficou aliviada porque os olhos de Christopher encontraram os dela apenas de modo fugaz e ele manteve a postura impecável. Será que o pai imaginava o que acontecera entre eles? Os olhares que Christopher lhe lançara em Londres, a maneira como suas mãos roçaram uma na outra, os dedos mindinhos apenas se tocando quando ela se afastara dele pela última vez?

– É um grande prazer vê-la novamente, Esmeralda – disse Christopher, assentindo.

Com delicadeza, ele tomou primeiro a mão de María e depois a de Gisele. As bochechas de Esmeralda esquentaram enquanto ela o observava. María a olhou de relance por sobre o ombro, arqueando as sobrancelhas quando ele beijou as costas de sua mão. Apesar de nunca tê-lo esquecido desde que voltara de Londres, nunca em sua vida Esmeralda teria imaginado que ele os visitaria em Cuba. Quando chegou a vez dela, Christopher demorou um segundo a mais ao segurar sua mão, mantendo os lábios encostados à pele, os olhos fitando os dela.

– O que... Hã, o que... – Esmeralda se recompôs depressa, pigarreando enquanto ele soltava a mão dela. – O que o trouxe a Havana, Sr. Dutton?

– Seu pai fez questão de que alguém da companhia viesse até aqui para ver a produção em primeira mão – explicou ele. Julio gesticulou para que todos se sentassem, e Christopher se reclinou no canapé, embora seus olhos mal se afastassem dos dela. – Devo admitir que é muito difícil dizer “não” para ele, e eu não poderia recusar a oportunidade de visitar Cuba, especialmente depois de todas as histórias sobre Havana com as quais a senhorita me entreteve. Com certeza pintou uma bela imagem de seu país.

Naquele momento, uma das criadas entrou depressa na sala. Como a atenção de seu pai se desviou com a interrupção, ela se permitiu olhar propriamente para Christopher. O embrulho em seu estômago se desfez enquanto ele sorria. Seus olhos lhe diziam que ele estava aliviado ao vê-la, e era assim que ela se sentia diante dele.

Talvez eu não tenha imaginado os sentimentos dele por mim.

– Uma garrafa do nosso melhor champanhe! – anunciou seu pai ao acender o charuto e dar uma baforada, soltando a fumaça pungente pela sala enquanto a criada saía apressada para atender ao pedido.

Quando Esmeralda passou por Christopher, tão perto que o tecido de seu vestido devia ter tocado o joelho dele, sua respiração ficou presa na garganta e ele fisgou o dedo dela com o dele. Foi apenas por uma fração de segundo que se entrelaçaram e ninguém chegou a notar, mas foi tudo o que ela precisava saber.

Ele não veio apenas para conhecer Cuba.

Ele viajou até aqui para me ver.

LONDRES, DIAS ATUAIS

Claudia deixou a música tocar bem alto e, com o pincel na mão, retocou o peitoril branco da janela. Passara os últimos seis meses reformando o apartamento para dar vida ao seu interior antiquado. Mais alguns dias de trabalho e tudo estaria concluído.

Ela recuou e olhou ao redor para ver o que criara, sentindo-se nostálgica por ter que deixar aquele lugar, embora nunca tivesse planejado ficar ali. *São apenas negócios*, disse a si mesma. *Nada de se apaixonar pelo projeto. Este não é o seu lar.*

Era o segundo apartamento em Chelsea que ela renovava desde o ano anterior, e ela adorava cada segundo desse trabalho. A decoração, a pintura, o estilo – era tão diferente do seu último emprego. Aquilo lhe dava uma satisfação que sua primeira carreira nunca chegara a proporcionar.

A música foi interrompida pelo toque do celular. Ela repousou o pincel e limpou as mãos no macacão antes de atender. Mesmo sem olhar para a tela, sabia que era o pai ou a mãe do outro lado da linha – as únicas pessoas que lhe telefonavam eram sua família ou atendentes de telemarketing.

O identificador de chamadas confirmou a suspeita.

– Oi, mãe.

– Oi, querida, como vai?

– Tudo ótimo. Estou dando os retoques finais numa pintura, mas já estou quase terminando.

– Maravilha. Estamos ansiosos para ver o apartamento da próxima vez que estivermos aí.

Claudia sabia como a sua recente transição de carreira havia sido difícil para a mãe. Ela teve muito orgulho da única filha quando Claudia se formou em administração, e mais ainda quando conseguiu um emprego excelente na área de finanças, seguindo os passos do pai. O irmão era advogado, mas a mãe não cursara faculdade nem tivera uma profissão, por isso Claudia às vezes sentia que a mãe vivia indiretamente através dela. Ou pelo menos vivera, até Claudia largar o emprego sofisticado e anunciar que, em vez disso, passaria a trabalhar com reformas.

– Ainda posso passar o fim de semana aí? – perguntou Claudia.

– Claro! Queremos muito te ver, mas não foi por isso que liguei.

Claudia distraidamente começou a limpar o pincel enquanto aguardava a mãe prosseguir.

– Na verdade, eu queria saber se na sexta-feira você poderia ir a uma reunião no meu lugar.

– Sexta agora? Com certeza. Reunião de quê?

Sua mãe pigarreou.

– É meio estranho, mas recebemos uma carta do espólio da sua avó e, embora seu pai ache que possa ser um golpe, acredito que valha a pena ir, nem que seja para saber do que se trata.

– Tudo bem – disse Claudia, andando até a cozinha para fazer um café.

Que tipo de reunião era essa que o pai não aprovava?

– Vou te encaminhar a carta por e-mail quando desligarmos. Seria muito importante para mim se você pudesse ir. Não quero desrespeitar sua avó, mas também não queria me dar ao trabalho de comparecer. É só por via das dúvidas.

Claudia concordou. A mãe raramente lhe pedia alguma coisa, portanto não se importou. Mas o fato de o pai achar que poderia ser um tipo de golpe a deixou inquieta. Os instintos dele costumavam estar certos.

– Mãe, se você quer que eu vá, eu vou. Basta me mandar as informações.

– Obrigada, querida. Eu sabia que você aceitaria.

Elas conversaram por mais alguns minutos antes de Claudia se despedir. Assim que desligaram, o e-mail prometido surgiu na tela. Ela o abriu e passou rapidamente os olhos pela mensagem.

A quem interessar possa, a respeito do espólio de Catherine Black.

Solicitamos sua presença nos escritórios de Williamson, Clark & Duncan, em Paddington, Londres, na sexta-feira, 26 de agosto, às 9h, para receber um item deixado para o espólio. Por favor, entre em contato com nossos escritórios para confirmar o recebimento desta carta.

Claudia releu a mensagem, intrigada. Não à toa seu pai desconfiou. Mas se a mãe queria que ela comparecesse à reunião e descobrisse do que se tratava, então ela iria. A morte da avó havia sido muito difícil para todos, sobretudo porque ela era a grande cozinheira da família e sempre os recebera nos almoços de domingo – uma tradição que se tornou cada vez menos frequente e acabou depois que ela faleceu, no ano anterior. Talvez ainda fosse cedo demais para a mãe conseguir lidar com o espólio. Talvez houvesse algumas pendências, embora seu pai costumasse ser bastante cuidadoso com documentações e pontas soltas.

Claudia voltou a ligar a música e se pôs a dançar pelo apartamento, evitando pensar em como o ano anterior havia sido difícil. Ela perdera a avó e a melhor amiga num intervalo de meses, e uma das razões pela qual amava seu novo trabalho era que ele não tinha nenhuma ligação com o passado.

Olhou ao redor e sorriu ao admirar o resultado. O apartamento estava incrível: as paredes agora eram brancas, a cozinha estava quase pronta e, abaixo do rodapé salpicado de tinta, o chão de madeira tinha a tonalidade perfeita. O apartamento ficaria deslumbrante quando estivesse todo mobiliado.

Claudia trocara a roupa social por um macacão, o cabelo preso num coque desengonçado, mas a verdade era que nunca estivera tão feliz. Não teria como continuar no antigo emprego, não depois do que acontecera. Esse novo trabalho fazia com que se sentisse bem, em vez de deixá-la confusa e ansiosa todos os dias.

Agora só preciso anunciar este lugar e tentar lucrar com a venda.

Claudia conduziu a corretora pelo apartamento, mostrando os banheiros recém-reformados das suítes com piso de cerâmica e admirando a mobília que acabara de ser instalada. Logo retornaram para a cozinha americana. O sol brilhava e as portas da varanda estavam abertas – era o tipo de dia em que seria impossível não se sentir bem.

– Está deslumbrante, totalmente deslumbrante – elogiou a corretora, correndo as mãos pela bancada de pedra da cozinha. – Tenho certeza de que vamos vender rápido. Quando gostaria de anunciá-lo?

– Vou decidir nesta semana – disse Claudia.

Ela olhou para o sofá lá fora e mais uma vez se viu morando ali. Mas aí precisaria encontrar outra carreira – não haveria como investir na compra de outro apartamento se não vendesse aquele. Voltou sua atenção para a corretora. Talvez não devesse ter morado no apartamento durante a reforma, assim não teria se apegado a ele.

– Bom, me avise quando decidir. Sei que haverá clientes para visitá-lo antes mesmo de ser anunciado.

O celular de Claudia apitou e ela o tirou do bolso. *Reunião com o advogado.*

– Peço mil desculpas, mas acabo de lembrar que estou atrasada para um compromisso – disse ela. – Entro em contato em breve. Muito obrigada por ter vindo!

Claudia acompanhou a corretora até a porta e correu para o quarto,

vasculhando as roupas e tirando um blazer do armário, que vestiu sobre a blusa branca. Encontrou jeans e tênis limpos, calçou-os às pressas, agarrou a bolsa e saiu. Olhou para o relógio.

O metrô que saía da estação Sloane Square e seguia até Paddington passava a cada dez minutos, logo, em tese, Claudia conseguiria chegar a tempo. Se ela não chegasse, sua mãe ficaria furiosa.

* * *

Claudia entrou no prédio com fachada de vidro do escritório Williamson, Clark & Duncan com dez minutos de antecedência. Depois de se apresentar para a recepcionista, encontrou uma cadeira e se sentou para recuperar o fôlego. Como detestava chegar atrasada, correu da estação até o escritório, mas nem havia necessidade disso. Enquanto descansava, observou as outras pessoas na sala de espera – curiosamente, a maioria era de mulheres de idade semelhante à sua. Muitas folheavam revistas, outras tinham a bolsa no colo, analisando a sala como ela.

Não tivera muito tempo para pensar na legitimidade daquilo tudo, mas, agora que estava ali, Claudia concordava com a mãe: a reunião parecia ser séria. O aspecto do escritório bastou para convencê-la.

Antes que tivesse tempo de refletir um pouco mais, a jovem e simpática recepcionista ergueu-se de trás do balcão e se dirigiu à sala. Claudia se surpreendeu quando a ouviu chamar outros nomes femininos além do seu.

Algumas mulheres trocaram olhares com ela, e Claudia recuou para deixar que duas passassem na sua frente. Ela escutou uma delas mencionar algo sobre uma herança e prestou atenção na conversa.

Hum, nunca cheguei a pensar numa herança. Seria mesmo do feitio de sua avó garantir que todos ficassem bem providos.

O burburinho ao seu redor foi bruscamente interrompido quando elas entraram numa grande sala de reunião. Todas foram levadas a se sentar a uma mesa; na cabeceira se encontrava um homem bem-vestido. À esquerda dele estava uma mulher na casa dos 30 anos que observava a todas com os olhos bem atentos. Vestida de modo impecável, com uma blusa de seda e calças pretas de cintura alta, ela lembrou Claudia de si mesma quando

ainda trabalhava na área financeira, e quase sentiu saudades de seu antigo guarda-roupa.

Claudia pegou um papel que lhe entregaram e se recostou na cadeira, lançando um olhar sobre o documento quando o homem se pôs a falar, admitindo como era estranho ter todas reunidas ali.

Olhou ao redor da sala, curiosa para descobrir se alguém sabia o motivo do encontro ou se, como Claudia, não faziam a mínima ideia do que tudo aquilo significava. Voltou a se reclinar quando o advogado se levantou e deu alguns passos à frente, sorrindo e deslizando casualmente uma das mãos para dentro do bolso.

– Sou John Williamson, e esta é minha cliente, Mia Jones. Foi sugestão dela reunir as senhoritas aqui, uma vez que ela está cumprindo os desejos de sua tia, Hope Berenson. Nosso escritório também a representou muitos anos atrás.

Claudia pegou o copo com água à sua frente e deu um gole, perguntando-se quem diabos era Hope Berenson.

– Mia, gostaria de tomar a palavra e prosseguir com as explicações?

Mia aquiesceu e se pôs de pé. Claudia se ajeitou para ouvir, percebendo o súbito desconforto de Mia. Talvez só estivesse nervosa por falar em público.

– Como acabaram de ouvir, minha tia era Hope Berenson, que por muitos anos dirigiu uma instituição privada aqui em Londres chamada Hope's House, para mulheres solteiras e seus bebês. Minha tia era muito conhecida por sua discrição, assim como por sua bondade, apesar dos tempos difíceis.

– Mia riu, parecendo ansiosa enquanto lançava um olhar rápido pela sala.

– Tenho certeza de que estão se perguntando por que estou contando tudo isso, mas, por favor, confiem em mim que logo fará sentido.

Hope's House? Que ligação haveria entre sua avó e essa instituição para mães solo? Será que Mia estava insinuando que sua avó dera à luz uma criança fora do casamento? Era disso que a reunião se tratava? Nesse caso, sua mãe ficaria sem palavras!

– O que exatamente essa casa velha tem a ver com a gente? – perguntou Claudia.

– Desculpem, eu deveria ter começado por essa parte! – exclamou Mia, sem graça, atravessando a sala. – Minha tia guardava um arquivo e coisas

assim no escritório dessa casa, e eu me lembrei de como minha mãe gostava do tapete que ficava lá. Assim, decidi ver se eu poderia reutilizá-lo, em vez de jogá-lo fora, mas, quando o levantei, vi algo entre duas tábuas do assoalho. Não consegui me conter e voltei com uma ferramenta para descobrir o que havia embaixo.

Claudia balançou a cabeça. *Inacreditável*. Embora ela ainda não conseguisse compreender muito bem a conexão entre essa história e a sua avó.

– Quando levantei a primeira tábua, vi duas caixinhas, e quando afastei a segunda, havia mais, todas com cartões escritos à mão. Não pude acreditar no que tinha descoberto, mas, como havia um nome em cada cartão, soube que eu não poderia abri-las, mesmo que estivesse muito curiosa para saber o que havia ali dentro. – Ela sorriu ao olhar para elas, encarando cada uma antes de prosseguir: – Trouxe essas caixas comigo hoje para mostrá-las às senhoritas. Mal posso acreditar que minha curiosidade as trouxe até aqui.

Cuidadosamente, Mia colocou uma caixinha ao lado da outra sobre a mesa. Claudia se inclinou para a frente, observando com curiosidade. E foi naquele momento que viu o nome de sua avó, escrito à mão em um cartão preso a uma das caixinhas. Catherine Black. *Por que o nome da minha avó está escrito aqui?* Quando o advogado voltou a falar, ela não conseguiu desgrudar os olhos do cartão, perguntando-se por quanto tempo aquela caixinha ficara escondida.

Claudia ergueu o olhar. Ela queria desesperadamente pegar a caixinha e puxar o barbante para ver o que havia sido deixado para sua avó. Em vez disso, ficou parada, ouvindo com atenção o advogado, que continuava a dar explicações.

– O que não sabemos – disse ele, plantando as mãos sobre a mesa enquanto se levantava lentamente da cadeira – é se outras caixas foram distribuídas ao longo dos anos. Ou Hope escolheu não distribuir essas sete por algum motivo, ou elas não foram reivindicadas por suas donas.

– Nesse caso, posso ter descoberto algo que deveria ter ficado enterrado no passado – concluiu Mia no lugar dele.

Uma das mulheres ficou de pé, mas Claudia nem mesmo ouviu o que ela disse e mal percebeu quando ela deixou a sala. *Minha avó foi adotada, e eu nunca soube disso. Será que ela sabia?* Se a avó soubesse, com certeza teria

contado para a filha, que, por sua vez, teria contado para Claudia. Mas será que era um desses segredos de família que ninguém comentava?

Claudia assinou os documentos quando o advogado os colocou diante dela, depois pegou sua caixinha, morrendo de curiosidade. Era feita de madeira, firmemente amarrada com um barbante, e o cartão identificava a proprietária. Devagar, Claudia voltou a correr os olhos pelo nome da avó, as letras juntinhas na mais perfeita caligrafia, claramente escrita pela mesma pessoa. *Hope*. Aquela mulher que se chamava Hope devia ter feito isso quando sua avó nasceu.

– Muito obrigada – disse Claudia para Mia, enquanto ajeitava a bolsa no ombro, ainda segurando a caixinha. – A senhora se esforçou muito para devolver todas as caixas às suas respectivas donas.

– Não há de quê – respondeu Mia, aproximando-se com um sorriso caloroso e tocando o braço de Claudia. – Obrigada por ter vindo pegar a sua.

Ao partir, Claudia notou que uma caixa permanecera ali sem que ninguém tivesse aparecido para recolhê-la. Ela estava morrendo de curiosidade, então saiu correndo para a rua e decidiu se sentar no café mais próximo. Não havia a menor chance de Claudia esperar chegar em casa para só então puxar o barbante e descobrir as pistas que a aguardavam ali dentro.

CONHEÇA OS LIVROS DA SÉRIE

A filha italiana

A filha cubana

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

